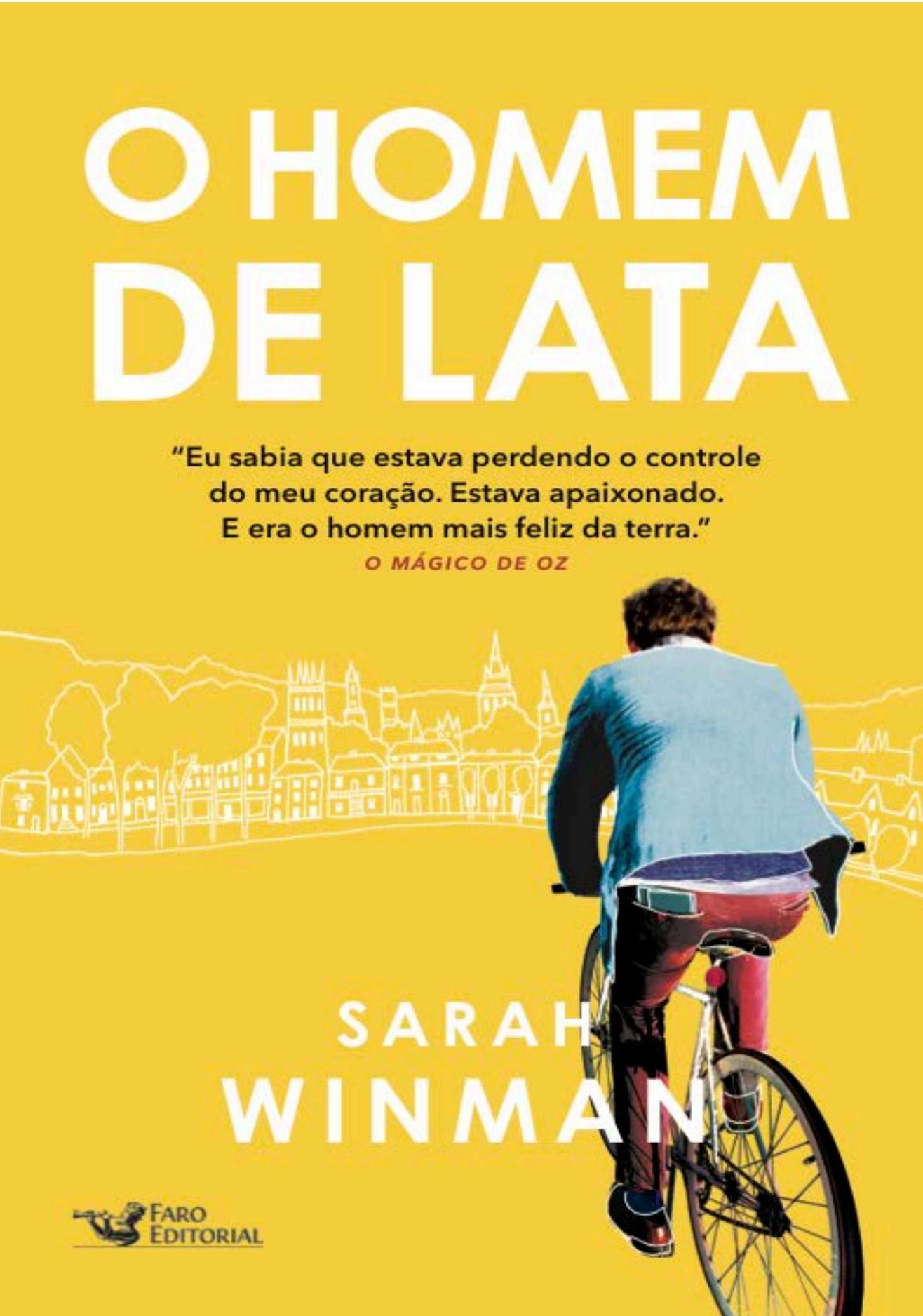


# O HOMEM DE LATA

**"Eu sabia que estava perdendo o controle  
do meu coração. Estava apaixonado.  
E era o homem mais feliz da terra."**

*O MÁGICO DE OZ*



SARAH  
WINMAN

SARAH WINMAN

# O HOMEM DE LATA

(TIN MAN)



Tradução: Elvira Serapicos

 FARO  
EDITORIAL

**COPYRIGHT © 2017 SARAH WINMAN**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2018**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **ANA UCHOA**

Capa **YETI LAMBREGTS**

Diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Winman, Sarah

O homem de lata / Sarah Winman ; tradução Elvira Serapicos. — 1ª ed. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2018.

Título original: Tin man.

ISBN 978-85-9581-011-2

1. Ficção inglesa I. Título.

---

17-11411

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823



1ª edição brasileira: 2018

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

# 1950

## **TUDO O QUE DORA JUDD CONTOU A RESPEITO DAQUELA**

noite três semanas antes do Natal foi que ganhou o quadro em uma rifa.

Ela se lembrava de ter estado no jardim dos fundos, com as luzes da fábrica de automóveis de Cowley rasgando o céu ao anoitecer, fumando seu último cigarro, pensando que a vida tinha de ser mais do que aquilo.

Dentro de casa, seu marido resmungou *Diabos, mexa-se*, e ela disse *Dá um tempo, Len*, e começou a desabotoar o vestido ao mesmo tempo que subia a escada. No quarto, olhou-se de lado no espelho, as mãos sentindo o avanço da gravidez, essa nova vida que ela sabia que seria um garoto.

Dora se sentou diante da penteadeira e pousou o queixo nas mãos. Achou que seus olhos pareciam cansados, a pele, seca. Pintou os lábios de vermelho, e a cor iluminou seu rosto instantaneamente. Mas não ajudou a melhorar seu humor.

Assim que cruzou a porta do Centro Comunitário, sentiu que fora um erro ir até ali. O salão estava enfumaçado, e os animados beverões empurravam uns aos outros na tentativa de chegar até o bar. Dora seguiu seu marido pelo meio da multidão e de ondas intermitentes de perfume e brilhantina, de corpos e cerveja.

Dora não queria mais atividades sociais com Len, não da maneira como ele se comportava com seus amigos, fazendo questão de olhar para todas as coisas bonitas que passavam, certificando-se de que ela estava vendo. Ela parou em um canto, segurando um copo de suco de laranja quente que começava a virar seu estômago. Por sorte a senhora Powys veio logo na sua direção, segurando um talão de bilhetes de rifa.

*O grande prêmio é uma garrafa de uísque escocês, disse a senhora Powys, conduzindo Dora até a mesa onde se achavam dispostos os prêmios. Depois vem um rádio, um vale para um corte e penteado na Audrey's Coiffure, uma lata de bombons, uma garrafinha de estanho para pôr bebida e, por último — e ela se inclinou para a frente para fazer essa confidência —, uma pintura a óleo sem muito valor. Apesar de ser uma boa cópia de uma obra de arte europeia, a senhora Powys acrescentou com um piscar de olho.*

Dora tinha visto o original na National Gallery, em uma viagem a Londres com a escola. Estava então com quinze anos, cheia de contradições típicas dessa idade. Mas, ao entrar na galeria de arte, a couraça que envolvia seu coração se abriu, e ela soube imediatamente que aquela era a vida que desejava: liberdade, possibilidade, beleza.

Havia outras pinturas na sala, ela lembrava — *A cadeira de Van Gogh com cachimbo*, de Van Gogh, e *Um banho em Asnières*, de Seurat —, mas foi como se tivesse sido enfeitiçada por aquela outra obra, e o que quer que a tivesse petrificado naquele momento, transportando-a para os limites inescapáveis de sua moldura, era exatamente o que parecia atraí-la agora.

*Senhora Judd?*, chamou-a a senhora Powys. *Senhora Judd, posso lhe oferecer um bilhete, então?*

*O quê?*

*Um bilhete da rifa?*

*Ah, sim. É claro.*

As luzes começaram a piscar, e um homem bateu sua colher em um copo. O salão ficou em silêncio, e a senhora Powys, com gestos teatrais,

aproximou-se da caixa de papelão e tirou o primeiro bilhete ganhador. Número dezessete, ela disse de modo solene.

Dora estava distraída demais pela sensação de náusea para ouvir a senhora Powys. Assim, foi só quando a mulher ao seu lado a cutucou falando *É você!* que Dora se deu conta de que ganhara. Ela segurou o bilhete no alto e afirmou *Sou o dezessete!*, e a senhora Powys gritou *É a senhora Judd! A senhora Judd é a nossa primeira ganhadora!*, e levou-a até a mesa para escolher seu prêmio.

Leonard gritava para que ela escolhesse o uísque.

*Senhora Judd?*, sussurrou a senhora Powys.

Mas Dora continuava em silêncio, olhando para a mesa.

*Pegue o uísque*, Leonard tornou a gritar. *O uísque!*

E, aos poucos, em uníssono, as vozes dos homens entoaram *Uísque! Uísque! Uísque!*

*Senhora Judd?*, chamou a senhora Powys. *Vai ficar com o uísque?*

Dora se virou, olhou para o marido e afirmou *Não, eu não gosto de uísque, prefiro a pintura.*

Foi o primeiro gesto desafiador de sua vida. Como cortar uma orelha. E ela fez isso em público.

Ela e Len foram embora pouco depois. Sentaram-se em lugares diferentes no ônibus a caminho de casa, ela na parte de cima, ele embaixo. Quando desceram, Len disparou na frente, deixando-a para trás, na paz da noite estrelada.

A porta principal estava escancarada quando Dora chegou, e a casa, no escuro. Nenhum barulho no andar de cima. Ela foi até a sala dos fundos com toda a calma e acendeu a luz. Era uma sala sem graça, mobiliada com um salário, o dele. Duas poltronas se achavam perto da lareira, e uma grande mesa de jantar que testemunhara pouca conversa ao longo dos anos bloqueava o caminho para a cozinha. Não havia nada naquelas paredes marrons a não ser um espelho, e Dora sabia que deveria pendurar a pintura na sombra do guarda-louça, onde Len não pudesse ver, mas não conseguiu se controlar; não naquela noite. E tinha consciência de que se não fizesse aquilo naquela hora, não faria nunca mais. Ela

foi até a cozinha e abriu a caixa de ferramentas. Pegou um martelo e um prego e voltou até a parede. Algumas batidas suaves e o prego penetrou o gesso com facilidade.

Dora deu um passo para trás. A pintura era tão vistosa quanto uma janela recém-instalada, mas dava para uma vida de cor e imaginação, muito distante do amanhecer da fábrica cinzenta, e contrastava vivamente com as cortinas marrons e o tapete marrom, escolhidos por um homem para esconder a sujeira.

Seria como se o próprio sol passasse a surgir todas as manhãs naquela parede, derramando sobre o silêncio do horário das refeições a emoção inconstante da luz.

A porta explodiu e quase se soltou das dobradiças. Leonard Judd se precipitou em direção à pintura e, com a maior rapidez com que já se movimentara na vida, Dora se colocou na frente e ergueu o martelo, dizendo *Faça isso e eu te mato. Se não agora, quando você estiver dormindo. Esta pintura sou eu. Não toque nela, respeite. Esta noite eu vou para o outro quarto. E amanhã, compre pra você outro martelo.*

Tudo por causa de um quadro de girassóis.

# 1996

## **NO QUARTO DA FRENTE, APOIADA ENTRE OS LIVROS, HÁ**

uma foto colorida de três pessoas, uma mulher e dois homens. Estão rigidamente enquadrados, os braços em torno um do outro; o mundo atrás deles está fora de foco, e o mundo de cada lado, excluído. Parecem felizes, e de fato estão. Não apenas porque sorriem, mas porque há alguma coisa em seus olhos, uma tranquilidade, uma alegria, algo que compartilham. Foi tirada na primavera ou no verão, pode-se dizer pelas roupas que usam (camisetas, cores claras etc.) e, é claro, por causa da luminosidade.

Um dos homens da foto, o do meio, com cabelo escuro e desalinhado e olhar doce, dorme naquele quarto. Seu nome é Ellis. Ellis Judd. A foto, no meio dos livros, passa despercebida, a menos que você saiba onde procurá-la. E, como Ellis já não sente vontade nenhuma de ler, não tem aquela compulsão para estender o braço na direção da fotografia e pegá-la para recordar aquele dia, o dia de primavera ou de verão, em que foi tirada.

O despertador tocou às cinco da tarde, como sempre. Ao abrir os olhos, Ellis se virou instintivamente para o travesseiro ao lado. Pela janela,

anoitecera. Ainda era fevereiro, o mês mais curto do ano, que parecia não acabar nunca. Ele se levantou e desligou o despertador. Foi até o banheiro e se inclinou sobre o vaso sanitário. Apoiou a mão na parede e começou a esvaziar a bexiga. Ellis não precisava mais se apoiar na parede, mas esse era o gesto inconsciente de um homem que já precisara de apoio. Abriu o chuveiro e esperou até a água começar a soltar vapor.

Lavado e vestido, ele desceu e conferiu as horas. O relógio estava uma hora adiantado porque ele esquecera de atrasá-lo em outubro. Mas sabia que dali a um mês os relógios teriam que ser adiantados, e o problema estaria resolvido. O telefone tocou como sempre, e ele atendeu dizendo *Carol. Sim, está tudo bem. Ok. Você também.*

Ele acendeu o fogo e cozinhou dois ovos. Ovos eram algo de que gostava. Seu pai gostava, também. Ovos eram o que os unia em concórdia e reconciliação.

Ellis saiu com a bicicleta para a noite congelante e pedalou pela Divinity Road. Na Cowley Road ele esperou por uma brecha no trânsito em direção ao leste. Fizera esse caminho milhares de vezes e conseguiria acompanhar o fluxo escuro sem precisar pensar. Virou na direção das luzes da fábrica de automóveis e seguiu até a oficina de pintura. Estava com quarenta e cinco anos, e todas as noites se perguntava para onde esses anos tinham ido.

O cheiro forte de solvente travou sua garganta assim que ele entrou. Ellis acenou para os homens com quem já convivera socialmente e, na área dos guarda-volumes, abriu seu armário e tirou uma sacola de ferramentas, ferramentas de Garvy, criadas para desfazer qualquer amassado. Todos reconheciam que ele era tão habilidoso que poderia tirar um corte do queixo sem que o rosto percebesse. Garvy lhe ensinara tudo. No primeiro dia, Garvy pegou uma lima, bateu com ela no painel da porta e lhe disse para tirar o amassado.

*Mantenha a mão espalmada, ele dissera. Assim. Aprenda a sentir o amassado. Olhe com suas mãos, não com os olhos. Passe a mão de leve. Sinta. Acaricie. Levemente. Encontre o ponto.* E deu um passo para trás, a boca aberta e o olhar crítico.

Ellis pegou a pequena bigorna, colocou-a atrás do amassado e começou a bater com a colher. Ele tinha um dom inato.

*Preste atenção ao som!*, Garvy gritara. *Acostume-se com o som. Ele permitirá que você saiba se encontrou o lugar exato.* E quando Ellis terminou, levantou-se satisfeito consigo mesmo, porque a porta de metal estava lisa como se tivesse acabado de ser prensada. Garvy perguntou *Você acha que está lisa?*. E Ellis afirmou *É claro que sim.* Então, Garvy cerrou as pálpebras, passou as mãos pelo amassado e garantiu *Não está.*

Naqueles tempos eles costumavam ouvir música, mas tudo o que Ellis ouviu foi o som do metal uma vez. Garvy era fã do Abba, e gostava ainda mais da loira, Agnetha qualquer coisa, mas jamais contou isso a alguém. Com o passar do tempo, porém, Ellis começou a perceber que o cara era tão solitário e ansioso por companhia que o processo de alisar um amassado era como se suas mãos estivessem acariciando um corpo feminino.

Mais tarde, na cantina, os outros ficavam atrás dele e faziam beicinho, descendo com as mãos pela cintura e pelos seios imaginários, sussurrando *Feche os olhos, Ellis. Está sentindo? Aquele pontinho? Consegue sentir, Ellis? Consegue?*

Foi Garvy quem o mandou até a oficina de acabamento para pedir uma “mulher bem acabada”, o tonto, mas só uma vez. E quando se aposentou, Garvy disse *Pegue duas coisas minhas, garoto. Primeiro: trabalhar muito, e você terá uma longa vida aqui. E segundo: minhas ferramentas.*

Ellis pegou as ferramentas. Garvy morreu um ano depois de se aposentar. Aquele lugar era seu oxigênio. Os rapazes concluíram que ele sufocara por não ter o que fazer.

*Ellis?*, disse Billy.

*O quê?*

*Eu falei boa noite, e ele fechou seu armário.*

Ellis pegou uma lima gasta, atirou-a em uma caixa de aparas e falou *Vê se dá um tempo, Billy. Me esquece.*

Era uma da manhã. A cantina estava movimentada e cheirava a batata frita e torta de carne, e a alguma coisa verde que passara do ponto. O som de um rádio vinha se arrastando da cozinha, *Oasis, Wonderwall*, e a moça que servia cantarolava. Ellis era o próximo da fila. A luz incomodava, e ele esfregou os olhos. Janice o olhou preocupada. Mas aí ele disse *Torta e fritas, Janice, por favor*.

E ela concordou, *Torta e fritas, aqui está. Vamos lá, meu amor. Porção de cavalheiros, também*.

*Obrigado.*

*Boa noite, meu amor.*

Ellis caminhou até a mesa no canto do fundo e puxou uma cadeira.

*Posso, Glynn?*, ele perguntou.

Glynn olhou para cima. *Fique à vontade*, ele disse. *Está tudo bem, meu chapa?*

*Tudo*, e Ellis começou a enrolar um cigarro. *Que livro é esse?*

*Harold Robbins. Se eu não cobrir a capa, você vai saber como é este bando. É muita sujeira.*

*É bom?*

*Brilhante*, afirmou Glynn. *Nada previsível. As reviravoltas, a violência. Carros possantes, mulheres possantes. Veja. Esta é a foto do autor. Dá uma olhada. Olha o estilo. Esse é o meu tipo de homem.*

*Qual é o seu tipo de homem? Você tem um pouco de Nelly, Glynn?*, Billy quis saber, puxando uma cadeira.

*Neste contexto, meu tipo de homem quer dizer o tipo com quem eu sairia pra curtir.*

*Não com a gente, então?*

*Eu prefiro mastigar minha mão. Sem querer ofender, Ellis.*

*Tudo bem.*

*Eu era parecido com ele nos anos setenta, estiloso assim. Você lembra, Ellis?*

*Tipo Embalos de sábado à noite, é isso?*, disse Billy.

*Não ouvi o que você disse.*

*Terno branco, correntes de ouro.*

*Não ouvi.*  
*Tudo bem, tudo bem. Trégua?, Billy sugeriu.*  
Glynn estendeu o braço para pegar o ketchup.  
*Mas...*  
*Mas o que, Billy?, Glynn perguntou.*  
*Aposto que dava pra dizer pelo seu jeito de andar que você era daqueles que agradavam as mulheres sem precisar jogar conversa fora.*  
*Do que ele está falando, Ellis?*  
*Não faço ideia, Glynn,* afirmou Ellis, tranquilamente, empurrando o prato.

Lá fora, Ellis acendeu um cigarro. A temperatura despencara, ele olhou para cima e calculou que poderia nevar.

*Você não devia falar com Glynn daquele jeito, Billy.*  
*Ele pediu, Ellis.*  
*Ninguém pediu nada. E esquece essa merda do Nelly.*  
*Olha, Ellis. A Ursa Maior. Você tá vendo? A Grande Ursa.*  
*Você ouviu o que eu disse?*  
*Olha, Elis: pra baixo, pra baixo, pra baixo, pra cima. Pro lado. Pra baixo. E pra cima, pra cima. Tá vendo?*  
*Perguntei se você ouviu o que eu disse.*  
*Sim, ouvi.*  
Eles caminharam de volta para a oficina de pintura.  
*Mas você viu?, Billy quis saber.*  
*Jesus,* Ellis sussurrou.

A campanha soou, a linha de montagem desacelerou e os homens foram deixando as ferramentas e saindo. Eram sete da manhã e estava escuro. Ellis se perguntou quando vira o sol pela última vez. Sentiu uma inquietação, e quando se sentia assim depois do turno nunca ia direto para casa, pois a solidão atacava. Às vezes, pedalava até Shotover

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
SERMOGRAF EM JANEIRO DE 2018